

CONFERÊNCIAS SOBRE HISTÓRIA PRÉ-CLÁSSICA

O Instituto Oriental levou a efeito no ano lectivo de 1990/91 três conferências sobre História Pré-Clássica de que beneficiaram os alunos do mestrado e igualmente todos aqueles que a elas puderam assistir.

Para duas conferências, realizadas a 10 e 11 de Dezembro de 1990, foi convidado o assiriólogo brasileiro Professor Doutor Emanuel Bouzon, que apresentou os seguintes temas:

Dia 10 — «A propriedade fundiária dos III e II milénios a. C. na Mesopotâmia»

Dia 11 — «Venda de imóveis em Larsa antes de Hammurabi»

Para assinalar a passagem do primeiro aniversário da instalação do Instituto foi convidado o Professor Doutor Francolino Gonçalves para proferir uma conferência subordinada ao título «História antes de Heródoto: o caso de Israel», a qual teve lugar no dia 6 de Maio.

CADEIRAS OPCIONAIS DE HISTÓRIA PRÉ-CLÁSSICA

A exemplo do que tem sucedido em anos anteriores, o Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa oferece este ano lectivo aos alunos do curso de História, e igualmente aos alunos de outros cursos que as queiram frequentar, as seguintes cadeiras opcionais da área de História Pré-Clássica:

- Hebraico Clássico
- Introdução à Egptologia
- História da Arte das Civilizações Pré-Clássicas

Tais cadeiras, que estão a cargo de docentes do Instituto Oriental, poderão no próximo ano lectivo de 1992-1993 ser acompanhadas pela cadeira opcional de Literaturas Sapienciais Pré-Clássicas, que em anos anteriores fez parte do elenco das opções do Departamento de História.

ACTIVIDADES DE DIVULGAÇÃO DOS DOCENTES DO INSTITUTO ORIENTAL

Desde a fundação do Instituto Oriental que os seus docentes têm sido solicitados para participarem em colóquios, conferências, encontros e seminários, onde apresentam comunicações ou intervêm abordando temas de temática pré-clássica ou que tratem das regiões orientais onde floresceram as civilizações pré-clássicas.

Nesta acção divulgadora apresentou o Professor Doutor José Nunes Carreira uma comunicação no Colóquio sobre os Descobrimientos Portugueses realizado em Lisboa, em Outubro de 1990, com o título de «A Terra Santa no horizonte mental da Expansão Portuguesa: Frei Pantaleão de Aveiro e D. Álvaro da Costa». Apresentou ainda à Academia Portuguesa de História, a 8 de Fevereiro de 1991, uma comunicação intitulada «Cronologias de viajantes: António Tenreiro e Frei Pantaleão de Aveiro», tendo depois participado num seminário de formação de professores promovido pela Comissão dos Descobrimientos que decorreu em Aveiro, a 3 de Março de 1991, com o tema «Expansão e Terra Santa: peregrinações a partir da Índia».

O Professor Doutor José Augusto Ramos participou em diversas conferências, de que se desfaçam a que proferiu no Colóquio sobre Ecologia e Escola, organizado pela Associação de Professores Católicos, em Lisboa, em 10 e 11 de Março de 1990, subordinada ao tema «Leitura Ecológica da Bíblia: a criação como tarefa», seguindo-se a 23 de Março outra tratando da «Dessacralização como Humanização do Religioso» na Reunião Nacional do Movimento Cristão de Estudantes que teve lugar na Universidade Católica, em Lisboa. Participou ainda numa sessão organizada pelo Grupo de Antropoanálise, em Junho de 1990, falando de «O Uso da Mitologia na Mesopotâmia».

Esteve o referido docente presente na Assembly of World's Religions que se realizou em São Francisco da Califórnia, Estados Unidos, de 15 a 21 de Agosto de 1990, tendo na ocasião apresentado uma comunicação intitulada «Religious versus personal experience: conflicts and dialectic». Em Dezembro do mesmo ano participou nos Encontros do Mosteiro do Lumiar, com uma conferência seguida de debate sobre «O Problema do Mal nas Religiões do Médio Oriente Antigo e na Bíblia».

Participou ainda na mesa-redonda do II Curso de História Religiosa organizado pelo Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica, de 3 a 7 de Setembro de 1990, subordinada ao tema «Questões de

História Religiosa: Objectivos e Didáctica», prosseguindo a sua colaboração com a Universidade Católica numa mesa-redonda do III Curso de História Religiosa levado a efeito no Porto pelo referido Centro, de 9 a 13 de Setembro de 1991, desta feita com o tema «O Cristianismo, das Origens à Crisandade», onde falou sobre «O Judeo-Cristianismo: Originalidade e Continuidade». Finalmente, em Março de 1991, no Centro Cultural Terraço, desenvolveu o tema «O Médio Oriente como Berço de Religiões».

O Dr. Luís Manuel de Araújo teve participação nas IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (5.ª secção: Epigrafia e Numismática), de 17 a 19 de Maio de 1990, tendo apresentado a comunicação «Epigrafia da Colecção de Antiguidades Egípcias do Museu Nacional de Arqueologia», estando presente, de 22 a 25 do mesmo mês, na conferência anual do CIPEG (Comité Internacional para a Egiptologia) que teve lugar em Budapeste, Hungria, onde apresentou a comunicação «Cônes funérais do Museu Nacional de Arqueologia». A 17 de Janeiro de 1991 proferiu uma conferência no Institut Franco-Portugais, em Lisboa, subordinada ao tema «Temple Égyptien de Karnak: Histoire et Restauration», complementando um filme com o mesmo título exibido antes. Seguiu-se uma conferência no Instituto Jacob Rodrigues Pereira, da Casa Pia de Lisboa, em 4 de Março de 1991, versando sobre «A Criança no Antigo Egipto: da infância terrestre à infância divina».

A temática das pirâmides foi tratada em duas conferências realizadas na Câmara Municipal de Alcochete (Abril de 1991) e na Escola Secundária de Alvalade do Sado, numa iniciativa levada a efeito pelo Clube do Património (Maio de 1991), ambas subordinadas ao título «As Pirâmides do Império Antigo». O mencionado docente prosseguiu, no pretérito ano lectivo, com o estudo das várias colecções egípcias existentes no nosso país, dando concretização prática ao apoio científico que o Instituto Oriental tem facultado aos museus que possuem acervos egíptológicos. Num âmbito mais alargado, colaborou com a Dr.ª Maria Helena Trindade Lopes no estudo da colecção egípcia do rei D. Luís, guardada no Palácio Ducal de Vila Viçosa (acervos do Castelo), estudo que veio responder ao interesse manifestado pela Fundação da Casa de Bragança. Em consequência do trabalho então realizado foi produzido um texto apresentado como comunicação no decurso do VI Congresso Internacional de Egiptologia realizado em Turim.

PROGRAMAS DOS MESTRADOS EM HISTÓRIA E CULTURA PRÉ-CLÁSSICA

Nos anos lectivos de 1990-1991 e 1991-1992 puderam os candidatos aprovados frequentar o primeiro curso de mestrado em História e Cultura Pré-Clássica levado a efeito no Instituto Oriental pela Faculdade de Letras

da Universidade de Lisboa (Departamento de História). Foi um curso de mestrado que teve a característica significativa de ser todo dado em língua portuguesa, facto que tem em si, tão-somente, o mérito de assinalar a existência de especialistas na temática orientalista no mundo lusófono. Não se descurará, porém, o contributo de especialistas estrangeiros, como se confirmará, a partir do ano lectivo de 1992-1993, com a colaboração do Professor Doutor Gustav Adolf Lehmann, da Universidade de Colónia, e do Professor Doutor Josep Padró, egiptólogo da Universidade de Barcelona.

Aqui se deixam os programas das disciplinas e seminários correspondentes aos dois anos lectivos do primeiro curso de mestrado em História e Cultura Pré-Clássica:

1.º ANO

HISTORIOGRAFIA PRÉ-CLÁSSICA

— Professor Doutor José Nunes Carreira

1. Com alguma razão, Cícero (*De leg.* 1,5) baptizou Heródoto de «pai da história». Resta, porém, saber se o Grego representa um princípio absoluto ou antes imprime dinâmica e sentido novos a tentativas anteriores. Busca-se uma resposta preliminar no confronto com os primeiros ensaios historiográficos dos Helenos.

2. Definindo conceitos de «história» e «historiografia» (para outros «historiografia autêntica»), há que encetar o longo e diversificado caminho das culturas e civilizações pré-clássicas. Indagam-se as aproximações literárias ao passado e as ideias de história, em suma, a história e historiografia antes de Heródoto.

3. Cronologicamente, a historiografia (e não só a história) parece ter começado na Suméria c. 2400 a. C. Inscrições, lamentações e Lista de Reis exemplificam actividade historiográfica e denunciam concepções de história. História é assunto dos deuses soberanos.

4. Próximos no espaço e na cultura mais que no tempo, Babilónios e Assírios acercam-se do passado em domínios tão diversos como o templo, o palácio e a escola. Desenvolvem novos géneros historiográficos (anais, epopeia, crónica). Aflora a imanência da história e a responsabilidade do homem no seu dever.

5. Com os Egípcios fecha a primeira parte do ciclo (1.º ano). Dominada tenazmente por uma concepção dogmática da história, a civilização faraónica mal despertou para a historiografia. História é função metafísica de um faraó divinizado. O Império Antigo é um grande vazio historiográfico, cortado a espaços por anais de templos, e autobiografias de funcionários. História recente marca produções literárias do Primeiro Período Intermediário e do Império Médio. Até que, com a abertura expansionista do Império Novo, surge o relato historiográfico e a epopeia.

HISTORIA DE ISRAEL

— Professor Doutor José Augusto Ramos

O seminário versará sobre a história de Israel, durante os reinados de David e Salomão, colocados no contexto internacional que os enquadra, durante o século que constituiu a passagem do segundo para o primeiro milénio (séc. XI X, a. C.).

Será o dinamismo e a vertiginosidade das transformações sócio-políticas (das tribos à monarquia), o modelo assumido para a instituição monárquica e estruturas administrativas, o equilíbrio de sobrevivência frente às grandes potências tradicionais (Egipto e Mesopotâmia) e as consequências ainda notórias de grandes convulsões passadas (Povos do Mar — Filisteus), a solidariedade e outros matizes de concorrência com a nova fase histórica dos povos de Canaã (Cananeus, Fenícios do primeiro milénio e Arameus), o comércio para além dos mares Mediterrâneo e Vermelho e ainda a solidariedade e também a não menor singularidade no domínio da cultura e da religião.

Cada um dos grandes temas da «idade de ouro» da história de Israel fará com que esta apareça destacada sobre o pano de fundo da política, da economia e da cultura internacional da sua época, naquela área do Mediterrâneo Oriental.

PROFETISMO NO ORIENTE ANTIGO E EM ISRAEL

— Professor Doutor Francolino Gonçalves

O objectivo da cadeira é estudar as diversas manifestações do fenómeno profético entre os povos do Oriente Antigo, nomeadamente em Israel.

Em ordem a definir o profetismo, começaremos por situá-lo em relação aos outros meios de comunicação entre o mundo divino e o mundo humano, sobretudo em relação à adivinhação. Profecia é a revelação que uma pessoa (profeta/profetisa) recebe de uma ou várias divindades através de um acto de cognição (visão, audição, sonho), com a missão de a transmitir a outrém (destinatário) por meio de um discurso ou de uma acção. Esta definição da profecia implica não só a distinção entre o profetismo e a adivinhação, mas também a exclusão do profetismo de várias predições egípcias e babilónicas habitualmente classificadas como profecias, vaticínios ou apocalipses. Entre estas predições devem referir-se, particularmente, as assim chamadas «Admoestações de Ipu-uer» ou «Admoestações de um sábio egípcio», «Profecia de Neferti» e «Crónica demótica», para os textos egípcios; os assim chamados «Discursos proféticos de Marduk», «Profecia de Sulgi», «texto de Assur KAR 421», «Profecia de Uruk» e «profecias dinásticas», para os textos babilónicos.

Ao estudar o profetismo entre os vários povos do Oriente Antigo, procuraremos caracterizar as diferentes manifestações deste fenómeno, as for-

mas literárias em que se expressou, os principais temas das revelações proféticas e os papéis que desempenharem os profetas dentro das respectivas sociedades.

Começaremos pelo reino de Mari, em cujos arquivos se encontrou uma literatura profética relativamente abundante. Datando do séc. xviii a. C., os textos proféticos de Mari são os mais antigos que se conhecem. Após assinalar os vestígios da existência do profetismo entre os Hititas, estudaremos as manifestações proféticas na Fenícia (Biblos), na Síria (reino de Hamat e de Lu^{cas}), na Transjordânia (Der^o-Alla) e na Assíria. A literatura profética neo-assíria é, depois da hebraica, a mais abundante de que se tem conhecimento no Oriente pré-clássico.

Finalmente, trataremos do profetismo hebraico, de longe o mais variado e o mais rico e também o que maior influência exerceu sobre a cultura de que somos herdeiros. Distinguiremos três grandes períodos no profetismo hebraico: 1) Desde as origens até ao séc. viii a. C.; 2) desde o séc. viii a. C. até à ruína do reino de Judá e ao exílio babilónico em 587 a. C.; 3) desde o exílio babilónico até ao ocaso do profetismo hebraico.

LÍNGUA E CULTURA ACÁDICA

— Professor Doutor José Augusto Ramos

O seminário pretende oferecer uma base teórica e prática para a frequência de ulteriores seminários relativos à sociedade e economia e bem assim para a possibilidade de trabalhos dos mestrados no âmbito do mestrado e de posteriores investigações históricas.

No respeitante à língua, pretende-se fazer a introdução essencial ao seu uso em historiografia, proporcionando o conhecimento das estruturas essenciais da língua acádica e da sua escrita cuneiforme com leitura de textos quer em cuneiforme quer em transcrição.

Com isto, será veiculado o mínimo de conhecimentos de língua e escrita sumérias, que qualquer introdução ao acádico implica sempre imprescindivelmente.

Do ponto de vista da cultura, a variedade de questões implicadas nas opções tecnológicas e políticas da escrita, as estruturas lógicas da língua e o conteúdo dos textos utilizados como material de estudo oferecerão múltiplas e variadas ocasiões para o encontro com alguns dos conceitos fundamentais da cultura mesopotâmica.

2.º ANO

HISTORIOGRAFIA PRÉ-CLÁSSICA

— Professor Doutor José Nunes Carreira

1. *Historiografia hitita*

Os Hititas deram um impulso decisivo à historiografia, «um género literário do Próximo Oriente antigo aparentemente introduzido por eles e levado a perfeição artística pelos Israelitas» (A. Malamat).

1.1. Situações históricas reais deram paño de fundo a obras de teor mítico e lendário, com deuses a irromper no cenário das acções humanas. Incluem-se nesta categoria a «Crónica de corte» ou «Livro de Episódios», o «Cerco de Ursu» e o «Mito do Antropófago».

1.2. História teológica ditada por motivações estritamente religiosas encontra-se nas «Orações da Peste» de Mursilis II e na «Autobiografia» de Hattusilis III.

1.3. Depois das tentativas promissoras da «Inscrição de Anitta» (século xvm a. C.) surge a historiografia madura do império: «Década», «Anais» e «Gestas de Suppiluliumas», de Mursilis II. Preâmbulos históricos a tratados internacionais e ao «Édito Constitucional» de Telepinus ilustram a ideia hitita de história.

2. *Historiografia israelita*

Comparado aos seus antecessores da história-clássica, Israel dá a impressão de epígono inglório. Deve-se-lhe, porém, a mais elaborada historiografia anterior a Heródoto, se não a primeira historiografia digna deste nome.

Nomes e datas das obras oscilam ao sabor da tradição e da crítica, discutindo-se onde começar a historiografia de Israel. Perdeu-se a «História de Salomão» (1 Re 11, 41), entre outras.

2.1. Antes de emergir a historiografia, contaram-se lendas e narrativas de patriarcas seminómadas e de heróis sedentarizados (juizes). O passado aparece como etiologia e paradigma.

2.2. Com o Estado surgiu a história e a historiografia, tanto em forma de monografia («História da Ascensão de David», «História da Sucessão de David») como na de história nacional em perspectiva universalista («História Javeísta»),

2.3. A crise da derrocada nacional e do exílio levou a meditar nas lições da história. Surgiu uma nova história nacional marcada pela culpa (Dtr).

2.4. A comunidade de culto agrupada à volta do templo de Jerusalém depois do Exílio produziu uma nova história, em que a política cede ainda mais o lugar à religião e à teologia («História do Cronista»).

SOCIEDADE E ECONOMIA NA BAIXA MESOPOTÂMIA
(DURANTE O TERCEIRO E O SEGUNDO MILÉNIOS DA ERA PRÉ-CRISTÃ)

— Professor Doutor Emmanuel Bouzon

1. A «revolução neolítica» e as novas técnicas de produção de alimentos.

Seminário: Origem e natureza das comunidades rurais na Baixa Mesopotâmia (Leemans-Diakonoff)

2. **A «revolução urbana» na Baixa Mesopotâmia**

- 2.1. Origem e natureza das primeiras cidades.
- 2.2. Política e ideologia nas formações proto-urbanas.

3. A cidade-estado suméria

- 3.1.0 papel do templo na estrutura sócio-económica da cidade-estado suméria.
- 3.2. Análise da documentação relativa à economia e à propriedade fundiária no período proto-dinástico.

Seminário: — A tese da cidade-templo suméria (Deimel-Falkenstein-Diakonoff-Foster)

— A documentação proto-dinástica e o assim chamado «modo de produção asiático».

4. O império de Akad.

- 4.1. As transformações sócio-económicas da Baixa Mesopotâmia durante o império de Akad.
- 4.2. Análise da documentação relativa à propriedade de terras no período acádico.

Seminário: Economia e circulação de bens no período sargónico (discussão do artigo de A. Westenholz).

5. A III dinastia de Ur.

- 5.1. A estrutura sócio-económica de Ur III: análise da documentação.
- 5.2. Os nómadas MAR.TU e a queda do Império.

Seminário: O papel do palácio na economia de Ur III (Discussão do artigo de Limet em OLA 5, p. 235s).

6. O período paleobabilónico

- 6.1. A evolução jurídico-social no período paleobabilónico.
- 6.2. A concepção de realeza e poder no período paleobabilónico.
- 6.3. Sociedade e economia: a análise da documentação.

Seminários: — O papel do palácio na economia paleobabilónica (Análise das Cartas de Hammurabi e a discussão dos trabalhos de M. de Ellis e de J. Renger).

— O *tamkarum* e a circulação de bens no período paleobabiló-

nico (Análise do CH e discussão do artigo de J. Renger sobre os modelos de «comércio» não estatal).

— Os arquivos privados do período paleobabilónico.

CIVILIZAÇÕES ORIENTAIS NA LITERATURA PORTUGUESA DE VIAGENS

— Professor Doutor José Nunes Carreira

1. Excepção feita à Terra Santa, para onde se viajava directamente da Europa, foi a Índia que levou os portugueses de Quinhentos e Seiscentos ao Oriente Próximo, como já levara Afonso de Paiva e Pêro da Covilhã em finais do século xv. Da Índia partiu o emissário João Gomes à Abissínia (1507) e a embaixada de D. Rodrigo de Lima ao Preste João (1520-1526). Da Índia saíram nove embaixadas portuguesas à Pérsia entre 1510 e 1602). Na Índia tiveram origem peregrinações aventurosas por terras da Arménia, Turquia, Mesopotâmia e Síria, as quais desembocaram em pitorescos relatos de viagem.

2. Não obstante as preocupações imediatas (diplomacia, curiosidades contemporâneas, achar caminho rápido para a pátria), os dois milénios que medeavam entre o estertor das Civilizações Orientais e os séculos xv-xvi e a espessura das camadas culturais estranhas (helenismo e islamismo), os viajantes lusos ainda se aperceberam da riqueza histórica e cultural das terras que pisavam. Arrimados ao Antigo Testamento, guia de viagem indispensável nessas andanças, recordaram a história mais remota da Ásia Anterior e África, localizando-a em monumentos e ruínas que encontravam.

3. A Expansão deu novos motivos de peregrinar à Terra Santa. Além da fé e devoção, nascem desejos novos de ver mundo e conhecer povos e culturas. Frei Pantaleão de Aveiro distingue cuidadosamente a sua condição de «morador», não peregrino em Jerusalém.

4. O seminário estudará o contributo dos viajantes portugueses para o conhecimento das Civilizações Orientais no Crescente Fértil em geral (António Tenreiro, Mestre Afonso, Pedro Teixeira, Frei Gaspar de S. Bernardino, Nicolau de Orta Rebelo, P. Manuel Godinho, D. Álvaro da Costa), na Etiópia (Francisco Álvares, Jerónimo Lobo), na Pérsia (António de Gouveia) e na Palestina (Frei António Soares de Albergaria, Frei Pantaleão de Aveiro).

SEMINÁRIO DE LÍNGUA E CULTURA DE UGARIT

— Professor Doutor José Augusto Ramos

O seminário de Língua e Cultura de Ugarit procurará constituir uma introdução à língua da cidade de Ugarit, postada em encruzilhada comercial e cultural na costa mediterrânica da Síria do Norte, no segundo milénio a. C., e particularmente durante a época de El-Amarna.

Além da sua própria língua, os textos descobertos em Ugarit, desde 1928 até à década de setenta, oferecem-nos documentos em várias outras línguas, apresentando as civilizações mais influentes na área, de entre as quais se destaca fortemente o acádico, que era a grande língua franca de todo o Oriente naquela época.

A cultura expressa pela língua autóctone da cidade de Ugarit, que faz parte dos centros pioneiros na sistematização da escrita alfabética, representa a mais ampla explicitação literária das culturas da área cananaica fora da Bíblia. Daí que se tenha de recorrer necessariamente aos seus mitos e epopeias quando se pretende expor o pensamento cananaico e fenício. Considerando que a costa cananaico-fenícia e suas adjacências foram a plataforma mais eficaz dos contactos entre o Oriente e o Ocidente, Ugarit e a cultura que ela representa encontra-se forçosamente situada entre as nossas vitais questões históricas.

O essencial da língua e o essencial da sua cultura serão vistos através das suas obras literárias mais salientes, em língua original e em tradução.